

Editorial

Todo os dias são dias de luta dos trabalhadores!

A luta continua, apesar das traições que presenciamos por ditos “sindicalistas” no governo.

Companheiros! Como sempre mantemos a luta que muitos já abandonaram por desilusão, medo, traição ou qualquer desculpa esfarrapada atrás da qual se escondem.

Enquanto alguns colocam a família como empecilho, outros lutam exatamente por defenderem suas famílias. Como lembram os árabes, quando queremos fazer algo, fazemos, quando não queremos fazer, inventamos desculpas. Chega de conversa, vamos para os finalmente!

A luta pela redução da jornada de trabalho, que muitos achavam superada, voltou!

As perdas das conquistas dos trabalhadores, o avanço do capitalismo voraz trouxeram as velhas práticas de exploração extrema sem controle, ao bel prazer dos patrões, gerenciada pelo Estado, seu carrasco e parceiro de opressão e exploração.

Um terrível “*déjà-vu vu*” para nossa classe!

Atualmente é comum impor jornadas diárias aos trabalhadores, sem nenhuma garantia e sobre a ameaça de demissão se não fazer as tais horas a mais.

Um fato real é o retorno as jornadas de trabalho de 60 e 80 horas semanais e ainda ouvir “*tá reclamando do que, você tem trabalho e recebe salário! Tem gente que faria mais, por menos!*”.

Imaginamos que estejam se referindo a colocar grilhões e voltarmos a chibata, já que havia comida e roupas assegurados, o que atualmente um assalariado mal consegue ter para si e para sua família!

Sabemos que só poderemos mudar esta situação unidos, cabe nossa classe de forma solidária, compor um bloco de defesa de nossas necessidades e avançar por nossa emancipação, luta na qual o sindicalismo revolucionário é uma base importante. A luta é diária e sem festas, só unidos poderemos fazê-la.

Organizados, lutamos!!!

Nossa Lutas!

Aumento do emprego e melhorias nas condições de trabalho.

1) Medidas contra desemprego

Para evitar o desemprego ou que este seja uma ameaça constante contra nossa classe trabalhadora, se faz imprescindível a distribuição igualitária do emprego entre todos os trabalhadores.

Para conseguir isso, defendemos o seguinte:

-Jornada máxima de 30 horas semanais, sem nenhum tipo de modificações por supostas necessidades da empresa.

A redução de jornada não deve redundar em perdas salariais, assim o trabalho deixará de ser um privilégio para converter-se no direito real que os trabalhadores tenham, criando emprego a par que se reduz a jornada;

-Eliminação de horas extras, banco de horas, vários empregos, jornadas duplas, triplas de trabalho, já que são modalidades da flexibilização do trabalho como o objetivo de ampliar a exploração dos trabalhadores;

-Férias de 31 dias corridos por ano;

-Redução da idade de aposentadoria para 55 anos, ambos os sexos, com 100% do salário.

Contribua você também!!!

Esta luta é de todos nós, sozinhos ninguém faz nada!!

SE O SISTEMA NÃO MUDA,
MUDE DE SISTEMA.

1º MAIO
DE 2008

DIA DE LUTA POR
MAIS EMPREGOS
SALÁRIOS DIGNOS
MELHORES CONDIÇÕES
DE TRABALHO

Nem partido, Nem patrão
Nem Pátria, Nem Estado
Povo unido, governa
Sem partido.
Junte-se a nós!

SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

UMA OPÇÃO DE LUTA DO POVO, PELO POVO E PARA O POVO.

FENIKSO NIGRA **anarkio.net**
fenikso@riseup.net antifascista@anarkio.net
Apoio: fospcps@riseup.net

Ação Sindical Combativa

É comum nossos companheiros, por falta de opção ou inexperiência na luta sindical, questionar como atuar nos sindicatos “oficiais”, principalmente em tempo de eleição, quando aparecem os partidários de diversas vertentes e cada qual apresenta um programa, teses interessantes para a categoria e para o rumo sindical no país. Muitos até cogitam a possibilidade de participar de alguma delas.

Como sindicalistas revolucionários, temos também nossas concepções, teorias, teses e programas de ação, que são geralmente contrários ao modelo sindical oficial, aos modelos partidários e suas teses. Com isso já se pode estabelecer o tipo de relação que temos com os sindicatos ditos oficiais. Temos que denuncia-los como uma farsa, uma ilusão que transforma nossa classe em “massa de manobra”, ou simplesmente a “massa” como tanto gostam de falar os autoritários marxistas e anexos degenerativos em geral.

É claro que não devemos participar do processo eleitoral de um sindicato “oficial” pelo simples fato de que ele é em última instância um elemento conservador das relações trabalhistas atuais, um elemento burocrático submisso a justiça do trabalho, controlada pela classe dominante. E nestes períodos devemos fazer é acirrar nossa campanha de associação aos sindicalismo revolucionário, que é o rompimento com as práticas sindicais amarelas, reformistas celebradas por o fascista Getúlio Vargas, resgatando os sindicalismo combativo do início do século XX.

Muitos companheiros questionam se não são práticas obsoletas e que não correspondem ao momento atual.

É necessário escrever que os avanços e conquistas dos trabalhadores foram feitas neste período são resultados diretos de “práticas obsoletas”. O que o fascista Vargas fez ao assinar a CLT foi amordaçar os trabalhadores e mante-los sobre controle.

De lá para cá, lutamos para romper a mordaza e sair do controle régio do estado, fiel escudeiro dos patrões. Mantendo o foco no principal objetivo de nossa luta, a nossa emancipação. E para isso, não precisamos de assistencialismo

e nem do reformismo pregado e feito por todas as centrais sindicais, que fizeram um pacto para calar a boca dos trabalhadores.

Nossa luta é o fim da exploração e opressão. O sindicatos oficiais e seus partidos não assumem na prática isso, até porque perderiam seu ganha pão estatal, embora os grandes contribuintes são explorados e oprimidos por quem deveriam orientar e ajudar na luta, mas são apenas roubados por seus “representantes”. Os casos de desvios, propinas, caixas dois, extorsões nos sindicatos não param!

Companheiros, conversemos com nossa classe, em nossos locais de trabalho, denunciem as manobras partidárias dos sindicatos, suas falsas promessas e sua total apatia diante do estado e dos patrões. Devemos sempre lutar com a nossa categoria, com a nossa classe, de forma solidária, o que não significa lutar com o “sindicato oficial” e nem sermos eleitos nos mesmo. Queremos o fim dos sindicatos reformistas, dos amarelos, dos pelegos, dos partidos e não fortalece-los, participando de sua estrutura.

Uma chapa de voto nulo, com uma proposta do sindicalismo revolucionário, indo direto nos pontos centrais, sem assistencialismo, sem reformismo, é isso que podemos fazer, mostrando que só com nossa união, com a solidariedade obreira é poderemos realmente fazer uma luta digna e que o sindicalismo revolucionário oferece. Essa é a campanha, essa é a luta, organização e emancipação de nossa classe por nós mesmos. O resto é enganação, enrolação e ilusão.



**TODOS AO 24º CONGRESSO DA AIT-IWA
NO BRASIL – ORGANIZAÇÃO COB-AIT!**



NA CONSTRUÇÃO DO SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO! - SINDIVÁRIOS-FOSP-COB-ACAT-AIT

www.cob-ait.org